

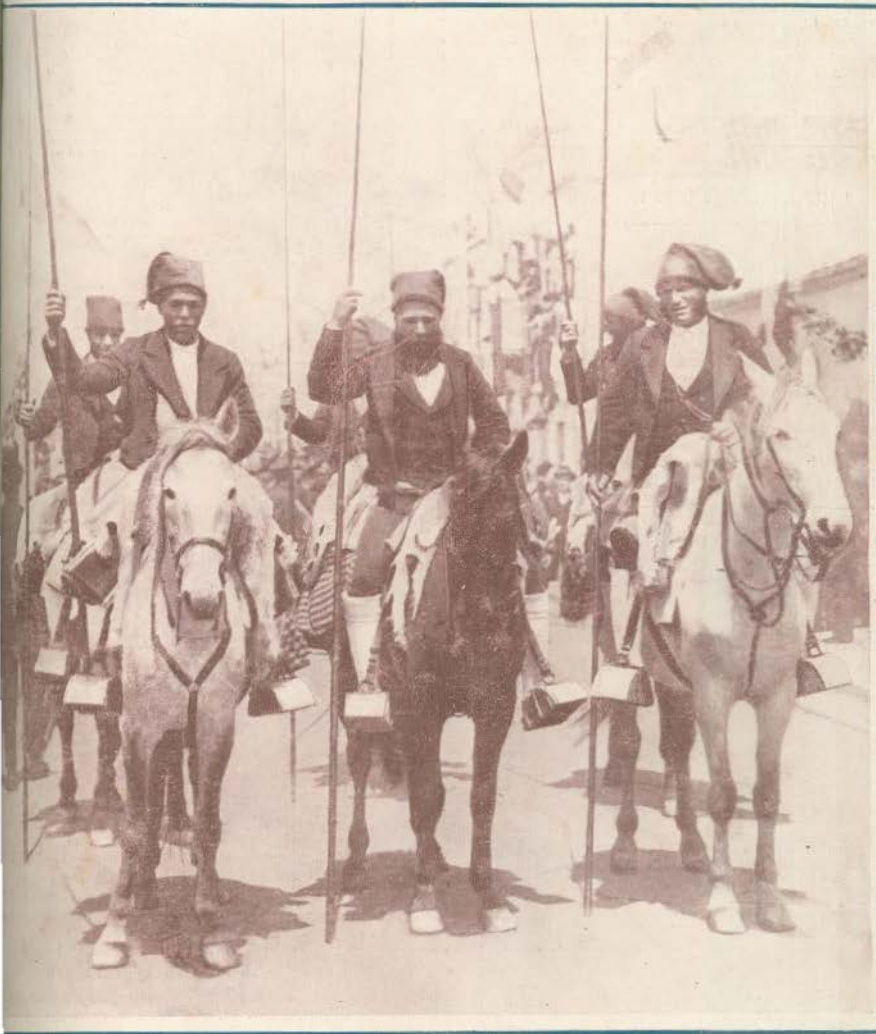
# Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Ceixeira

Assinatura para Portugal, colonias e Hespanha 4\$800  
 Assinatura conjunta do Seculo, do Suplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa PORTUGAL, COLÓNIAS E HESPANHA

ANNO..... 8\$000 Trimestre..... 2\$000  
 Semestre..... 4\$000 Mez (em Lisboa)..... 700

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



## Summario

Capa: CAMPINOS DO RIBATEJO. — Texto: HERDEIRO DO THRONO DE HESPANHA, 4 illust. — RUMO A TERRA NOVA, 13 illust. — O CONDE DE FONTALVA, 21 illust. — FIGURAS E FACTOS, 4 illust. — FERNANDO DE OLIVIRA, 2 illust. — CONDE DA PRAIA DA VICTORIA, 7 illust. — ESPECTACULOS BARBAROS D'UMA CIVILIZAÇÃO EM DECADENCIA, 7 illust. — UMA FESTA NO RIBATEJO, 19 illust. — A BATALHA DE FLORES, 26 illust. — VIDA COLONIAL, 6 illust.

**NOVO DIAMANTE AMERICANO**

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alianças a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 4500 réis o par. Lindos colares de perolas a 45000 réis. Todas estas jóias são em prata ou ouro de lei.

Não confundir a nossa casa

**UNION MARITIME E MANNHEIN**

Companhia de seguros postas, marítimos e de transportes de qualquer natureza

A Companhia La Union y el Fenix Español, rua da Prata, 59, 1.º, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusivé o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa:

**LIMA MAYER & C.ª**

RUA DA PRATA, 59, 1.º—Lisboa

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard



Diz o passado e o presente e prezor o futuro, com veracidade e rapidez é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancia, phronoogia e physionomia e pelas applicações praticas das theorias de Gali, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenligny. Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathedra, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Das consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite, em seu gabinete, 43, rua do Carmo, sobreloja. Consultas a 45000, 25500 e 55000 réis.

**AGUA CASTELLO**

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES e FORNECEDORES da CASA REAL

NOUVEAU PARFUM  
**PRINCIA VIOLET**  
20, B. des Italiens, PARIS

**À seda suissa**

É A MELHOR

Peçam as amostras das nossas sedas, novidades de primavera e de verão para vestidos e blusas!

Echizen, tafetás de lustro, Louisine para de dia, Musseline 120 cm. de largura desde fr. 1,25 o metro, em preto, branco, liso e pluma-la, assim como blusas e vestidos em batiste bordado.

Vendem-se as nossas sedas garantidas solidas directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

**Schweizer & C.ª**  
LUCERNE Z. 20 (SUISSA)

Exportação de sedas

**Violet** SADAÓ REAL DE THRIDAGE  
PARIS Sobto "Valentines"  
Luzern, pela via do 1.º Hygiene da rua da Alvorca de Luzern

**Bicyclettes,**

MACHINAS FALLANTES E DISCOS DE MARCA SIMPLEX, o melhor que ha e por preços sem conpetencia. Bicyclettes de celebres marcas: IMPEX, B. S. A., ALLRIGHT, LINON e IMPERIAL. Accessorios para bicyclettes e motocyettes. Grande deposito das melhores machinas fallantes e dos celebres discos de marca SIMPLEX, os melhores que ha. Tuda novidades. Variadissimo repertorio de musica e canto das maiores celebridades artisticas. Preços excepcionaes para a Africa, Brazil e colonias. Pedir catalogos de bicyclettes, machinas fallantes e discos a J. CASTELLO BRANCO, Rua do Socorro, 48, e Rua de Santo António, 32, 34 e 82 — LISBOA



des artisticas. Preços excepcionaes para a Africa, Brazil e colonias. Pedir catalogos de bicyclettes, machinas fallantes e discos a J. CASTELLO BRANCO, Rua do Socorro, 48, e Rua de Santo António, 32, 34 e 82 — LISBOA

**NESTLÉ**

FARINHA LACTEA

38 medaihas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

**PREÇO 400 RÉIS****Companhia de Papel do Prado**

SOCIETADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Lisboa — 270, Rua da Princesa, 276

Porto — 49, Rua de Passos Manuel, 51

BRANCO DE TELHOS, DIRECTOR: Lisboa, Companhia Prado

Prado — Porto — Lisboa — VIZEMO TELHOS DIRECTOR: 508

Companhia Papel Prado

Agente em Paris:—Camille Lipman, 26, Rue Vignon



## HERDEIRO DO THRONO DE HESPANHA

Hespanha, saber quaes são os principes que hão de mais tarde cingir coroa. Na Allemanha é Frederico Guilherme, que tem 24 annos e é casado com a princeza Cecilia de



Os reis de Hespanha

Mecklemburgo-Schwerin; na Austria-Hungria, o archiduque Carlos, sobrinho do archiduque Francisco Fernando; na Belgica, o principe Alberto, sobrinho de Leopoldo II e filho do duque de Flandres; na Bulgaria, o principe Boris; na Dinamarca, o principe Christiano; na Inglaterra, o principe de Galles; na Grecia, o principe

Constantino, duque de Sparta, casado com a princeza Sophia, irmã do imperador da Allemanha; na Italia, o principe Humberto, filho do actual monarcha, que vae fazer 3 annos; no Montenegro, o principe Danilo Alexandre; na Noruega, o principe Olaf; nos Paizes-Baixos, não tendo a rainha Guilhermina descendencia, a princeza Maria Guilhermina, apesar de ser vontade do povo hollandez dar a coroa ao principe Henrique de Reuss; na Roumania, o principe Fernando; na Russia, o gran-duque Aleixo, que tem 3 annos; na Servia, o principe Jorge; na Suecia, o principe Gustavo, duque de Wermland; na Turquia, Mohamed-Reshad-Offendi, irmão do sultão actual; e em Portugal, o principe D. Luiz Filippe, duque de Bragança.

Ao acto da apresentação do herdeiro hespanhol correu uma deputação do principado das Asturias, cujos membros impõem ao recém-nascido uma placa e lhe entregam, mettidos n'um rico cofre, certo numero de dobrões.

O cofre entregue ao recém-nascido pela deputação do Principado das Asturias

(Cliche de Goni, Madrid)

Já tem a Hespanha successor para o throno de Affonso XIII, que era até agora o infante D. Affonso, filho da princeza das Asturias e do infante D. Carlos de Bourbon.

Existem actualmente na Europa, não contando os pequenos Estados, como os de Andorra e Monte-Carlo, vinte nações independentes, todas monarchicas, excepção feita da França e da Suissa. Conhecidos de todo o mundo os nomes dos soberanos europeus, é curioso e da mais viva actualidade, pelo nascimento do herdeiro do throno de



A rainha Christina de Hespanha e seus filhos, o rei Affonso XIII e as infantas



O rei de Hespanha D. Afonso XIII apresentando o príncipe das Asturias aos membros da família real, ao governo e ao corpo diplomático  
(Fotografia do «Blanco y Negro», Madrid)

# RUMO À TERRA NOVA



incertezas e receios! Quantas noites em que anciosos pensamentos espancam o somno!

Na volta não escasseiam as surpresas, umas agradáveis, outras, infelizmente, tristes. Muitas vezes ha um novo berço na casa, e comprehende-se a curiosidade e o interesse do pae por vêr o novo exemplar da prole forte e sadia. Desembarcado, o pescador de regresso da Terra Nova acorre, por isso, logo, á pequena localidade do litoral onde vive.

A' partida é diferente. Nas vespertas da saída dos

**P**ARTIRAM a semana passada, do Tejo, os primeiros navios portuguezes da pesca do bacalhau. Os que armam no Porto, na Figueira, em Aveiro e na ilha de S. Miguel, ou já levantaram ferro tambem ou devem estar, pelo menos, em preparativo de viagem. Dentro de pouco irão todos no rumo da Terra Nova, e, se a superficie do mar não fosse tão mudavel como o coração do homem, na sua derrota encontrariam ainda os sulcos das travessias dos Corte Rezas e de outros audaciosos e temerarios marinheiros do seu paiz. Depois dos bascos, que a tenaz perseguição ás baleias conduziria até lá, fomos nós

os primeiros que abordámos a terra da America; mas decerto não será este pensamento glorioso que, na solidão do oceano, quando a alma se apazigua e absorve em serenas contemplanções, occorrerá aos homens rudes, e contudo não menos audaciosos e temerarios, que vão para a pesca arriscada dos bancos da Terra Nova. As suas imaginações primitivas e simples deixar-se-hão empolgar pelas lembranças do lar abandonado por tão largos mezes, pela perspectiva das fadigas, do vento e das vagas, que vão supportar, para fazer viver os que ficaram esperando n'esse lar.

O pescador do bacalhau parte effectivamente por um longo praso. Vae em fins de abril ou começo de maio e só volta em setembro. São cinco mezes de ausencia, e durante esse tempo está privado quasi em absoluto de todas as communicações com o resto do mundo. Póde, ainda, de longe a longe, mandar noticias suas, n'uma carta de antemão escripta e preparada, para aproveitar o portador casual, um navio que passa, sem deter-se; mas receber noticias dos outros, para isso é que não existe qualquer meio. Enquanto dura a campanha nada póde saber da terra, da familia. E quantas vezes, no meio do trabalho aspero da pesca, isolado no seu fragil esquite, o não affligem tragicas



O cozinheiro da *Gazella*—Um veterano das campanhas do bacalhau





O Gamo, da Parceria Geral de Pescarias

barcos, as tripulações contractadas vão receber os seus adiantamentos, e faz-se idéa da folia que se segue. Todos vão gosar pela ultima vez os prazeres da vida de terra, e não ha divertimento, capricho e tolice que lhes não lembre, como grandes crianças que são. Além d'isso, cada um trata de sortir-se do que julga ser-lhe mais necessario para a extensa campanha, tabaco principalmente.

Os mais previdentes compram, tambem, dois ou tres pares de cachimbos, para os terem como sobresalentes. E' um espectáculo sempre interessante ver chegar os pescadores a bordo no dia da partida, com as algibeiras abarrotadas de quinquilharias varias, embulhos sob os braços, e a maioria com a apparencia caracteristica e inilludível da noite perdida e agitada.

O cozinheiro do *Gazella*, o melhor barco da Parceria Geral de Pescarias, que, por sua vez, é a mais importante das nossas empresas da pesca do bacalhau, está acostumado

desde ha annos já ás campanhas da Terra Nova. Ninguem se surte com mais escrupulo e maior cuidado, tanto pelo que toca á dispensa do navio, como pelo que importa ás suas necessidades particulares, aproveitando a pratica e experiencia adquiridas.

Uma manhã, a bordo, na vespera da partida, offerecia-nos, para almoçarmos e provar um bello vinho, que constituia a sua reserva dilecta, fazer sem demora um bom bife, macio e tenro, em sangue.

—Ahi está o que não pode alcançar-se nos bancos, não é verdade?

—Ora essa! Então não se comem lá bifés de bacalhau tambem...

A preciosa descoberta culinaria que deve ser!

Começa, porém, a animação da partida, está todo o mundo a bordo... quando está; realisa-se a manobra, como se pôde; e, de velas desfraldadas, os navios principiam a caminhar. Os parentes e os amigos que os acompanharam, para se despedirem dos que partem, acenam com lenços e com

chapeus. Os pescadores, encostados á borda, agitam igualmente lenços e chapeus.

Assim se inicia a travessia, que será longa e laboriosa, e precede a vida aspera e monotona dos bancos, cheia de perigos multiples e quotidianos, que cercam o trabalho rude e duro da pesca.

Do lado da costa sul da Terra Nova passa a cor-



Agua para a viagem

A bordo da *Gazella*

rente de água quente do golfo Stream, vinda do México, e do lado da costa norte passa, em sentido contrario, uma corrente de água fria, vinda da Groenlandia. Esse cruzamento das duas correntes de temperaturas tão oppostas produz nevoeiros densos, que tornam arriscadissima a navegação. Quantos escaleres, surprehendidos pela bruma, nunca mais voltaram ao seu navio!

E, como se fôsse pouco, quantas vezes não vem

tambem um golpe de mar, que varre um homem da coberta, ás vezes mais de um, arrastando-os para as profundezas do abysmo! Depois, se o navio se demora, no fim do outono, assaltam-no os gelos, e, embora raros, ha exemplos de equipagens que se viram forçadas a hibernar no meio das banquises, ficando privadas então, por quasi um anno inteiro, de todas as relações com o resto do mundo.

São 600 a 800 homens que, em cada campanha

A amirala do *Genio*

de pesca, sahem do paiz, para ir correr todos esses riscos e supportar tão violentas fadigas. Tem todos uma percentagem sobre o producto da pesca, e por isso vão quasi á sorte, que bem pode, por um dos seus actos cegos e inconscientes, ser-lhes avêssa. Por isso tambem, na Terra Nova, as relações entre as varias companhias são inspiradas por um egoismo feroz. Passa um navio, que anda ainda á busca de um banco povoado para lançar ali as suas linhas, e encontra barcos da mesma companhia a pescarem. O capitão interroga:

— Então ia por aqui muito peixe, rapazes?

— Isso sim! Nem sombra d'elle!

E, comtudo, estão n'um sitio de pesca abundante, em que as linhas fazem magnífica colheita. Simplesmente tratam de enganar-se uns aos outros, para que não venha um concorrente prejudicial-os.

O peixe capturado é esventrado e submettido a uma salgação ligeira, e depois guardado no porão. E' apenas uma preparação preventiva. Cá, no regresso da campanha, é que vem soffrer as manipulações que garantem a sua conservação indefinida, em terrenos proprios para a respectiva secagem, que as diversas companhias piscatorias possuem.

Taes são os processos laboriosos e os trabalhos



À espera dos adeantamentos

fadigosos que comporta a pesca do bacalhau, chamado o peixe do pobre pela barateza que resulta da sua abundancia. Para o esforço que a sua captura representa; a distancia a que é preciso ir buscá-lo, na região ártica; os riscos que a sua pesca offerece; por tudo isso deveria, pelo contrario, ser um peixe caro, para os ricos.

Este anno foram de Portugal mais de vinte navios para a pesca do bacalhau. D'antes, o numero de barcos que se podiam matricular para a pesca da Terra Nova era restricto por lei; hoje não se lhe estabeleceu limite, e o facto do restabelecimento da liberdade de industria deu logar á creação de novas empresas. Em Lisboa ha, presentemente, tres, com os seus estabelecimentos na Azinheira, no Seixal e proximo de Cacilhas.

O pessoal de pesca começa, porém, a escassear. Olhão, Setúbal, Nazareth e Ovar, principaes centros fornecedores dos pescadores da Terra Nova, não chegam já para dar gente sufficiente. Cada navio leva uma tripulação que oscilla entre 30 a 40 homens; vinte navios absorvem, portanto, 800 homens. Em taes condições, as empresas vem-se forçadas a recorrer aos Açores, onde encontram, de resto, um viveiro opulento de homens do mar, energeticos, animosos, cheios de coragem e de audacia, a quem os perigos dos bancos não intimidam nem despertam



Na Azinheira: as officinas





Um grupo de pescadores do bacalhau

receios, habituados como estão à caça aventureira do cachalote e às coleras terríveis, tão usuas, do mar das ilhas. A decisão e habilidade dos marítimos açoreanos são, mesmo, tão conhecidas e celebradas que não é raro irem as baleeiras americanas tomal-os ao archipelago, succedendo que em alguns navios dos Estados-Unidos mais de metade das companhias é composta por ilheus.

Assim, este anno, seis das embarcações da pesca do bacalhau que partiram da Figueira tomaram primeiro o caminho da ilha de S. Miguel, para ahi completarem as suas tripulações, e de lá, então, é que devem ter enfiado definitivamente no rumo da Terra Nova.

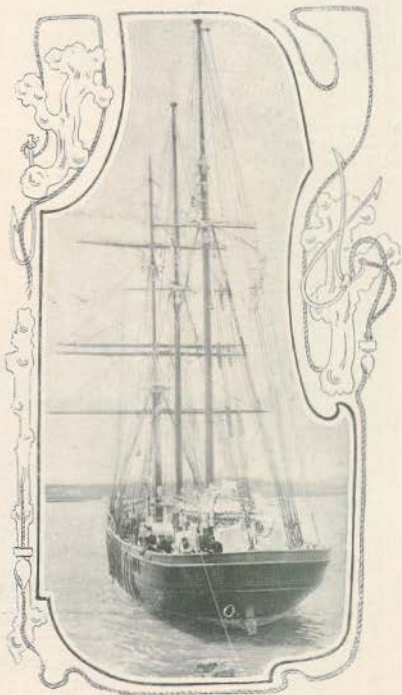
A viagem para os bancos demora pelo menos 20 dias; mas, apesar de laboriosa, realisa-se geralmente em condições lisonjeiras. Todos vão animados de fagueiras esperanças na campanha.

Chegados lá é que principia o trabalho rude, e constante quando o tempo e os icebergs não impedem que os botes de pesca, que na linguagem technica se chamam *doris*, sejam arriados. Cada dia um homem parte no seu *doris*, e, sózinho, isolado, vae lançar a linha a algumas braças do navio a que pertence. Terminado o seu dia de trabalho, volta a bordo, com o escaler cheio, se teve sorte de acertar com um cardume de bacalhau, ou com o escaler vazio, se o peixe não appareceu.

E durante tres ou quatro mezes é sempre a mesma existencia de invariavel monotonia, equal, isochrona. E' raro qualquer facto anormal, que modifique o regimen que acabamos de descrever, e quando succede occorrer algum, poucas vezes, infelizmente, deixa de ser um desastre, uma desgraça lamentavel. E' a morte de um pobre pescador, devido a algum accidente; é um triste acontecimento como o incendio do *S. Thia-*



Um capitão da Terra Nova



A *Gazella*, da Parceria Geral de Pescarias

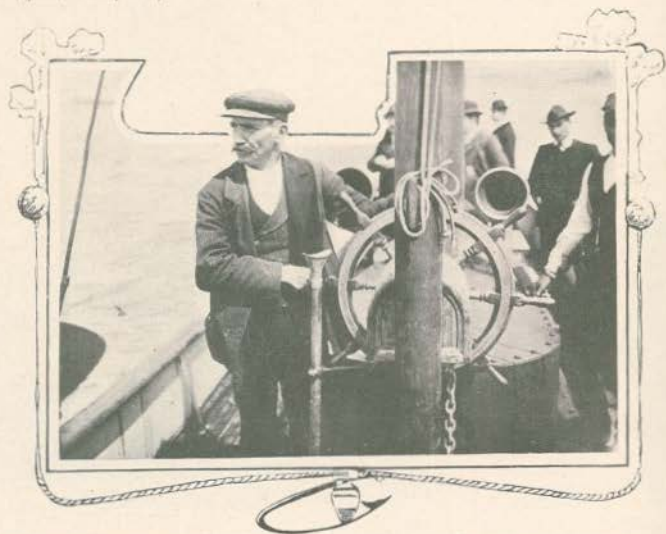


Esperando o bom tempo para partir

go durante a campanha do anno passado e que de certo ainda não está esquecido.

Façamos, pois, votos para que os navios e as tri-

pulações que partiram a semana passada voltem todas completas no fim da campanha actual, em setembro ou outubro.



O mestre do navio que faz o serviço entre o Barreiro e a Azichez, um dos empregados mais antigos da Parceria  
(Clichés de Beaulieu)

# O CONDE DE FONTALVA



**M**ONTA desde os 15 annos o sr. conde de Fontalva, que aprendeu com o celebre Antonio de Figueiredo, sobrinho do marquez de Niza e discipulo laureado

Exercito, Carvalho da Silva, ajudante do general Honorato de Mendonça, Correia, o dr. Manuel de Castro Pereira. E' conveniente aproveitar a

da escola de Saumur. Mas este longo apprendizado não tem sido para o nobre titular um passatempo recreativo apenas. Com a paixão do cavallo, elle tem feito, dentro da sua esphera de acção, uma grande obra do apuramento de raças. E' assim que funda o Turf, que preside a commissões, que no seu vasto parque de Palhavã organisa provas de obstaculos e provas de salto, a que concorre Lisboa aristocratica e que o proprio senhor infante D. Affonso honra com a sua presençã.

Simultaneamente diplomata, *sportsman*, homem do mundo, aristocrata pelo sangue e pela educação, o conde de Fontalva é uma das figuras mais conhecidas e mais estimadas em Portugal e no estrangeiro, que tem percorrido de norte a sul, do occidente ao oriente, com uma singular coragem de *touriste* e uma intelligencia arguta que tudo vê e tudo annota na sua carteira de viajante.

A *Illustração Portugueza* não podia ficar indifferente ao vêr discutida agora em toda a imprensa a personalidade do conde de Fontalva, que trata de promover a construcção de um grande hippodromo em Lisboa, com a coadjuvação dos poderes publicos, organisando uma grande commissão em que entrem o ministerio da guerra e o ministerio das obras publicas, a camara municipal de Lisboa e a Sociedade de apuramento de raças cavallares, que tomaria a direcção suprema de tudo, promovendo concursos e festas, introduzindo entre nós o gosto pelo *sport* hippico.

—Imaginei uma sociedade, disse-nos o sympathico titular, como a que existe em França, e que distribue nos seus concursos noventa contos de réis em premios. Temos por nós elementos civis e militares, — o coronel Antonio Costa, Ramos, Valladas, commandante da Escola do



O sr. conde de Fontalva



maré... Dá-se n'este momento um renascimento hippico em Lisboa, nos varios picadeiros existentes: o de D. Antonio de Portugal; o picadeiro Miranda; o picadeiro de lanceiros 2; cavallaria 4 organisa festas hipicas; dão-se reuniões em Palhavã e no hippodromo de Belem...

O conde de Fontalva toma calor por estas coisas, que são a sua preocupação dominante. Ha, no entanto, um ponto negro no céu azul do seu entusiasmo.

— O actual ministro da guerra prohibiu aos militares concorrerem com os civis, — pelo menos fardados; entretanto, consente-se que os cavallos dos regimentos tomem parte em espectaculos de circo. Tenho, porém, a esperança de que

rem parte em corridas, o que seria de grande vantagem para estes ultimos que desejam immenso vir

a Portugal para tomarem o pulso aos seus reproductores.

O sr. conde de Fontalva, que tem um conhecimento profundo do cavallo, possui o seu *dossier* de maximas e preceitos, de que extrahimos as mais curiosas:

— Com menos de dez annos de pratica não se pode ser um cavalleiro regular.

— Em Portugal, pede-se um homem pequeno para a infantaria e um homem grande para a cavallaria. Devia ser o contrario, porque quanto menos peso o cavallo tiver em cima mais corre.

— O melhor cavallo de guerra deve ser sobrio e rustico.



No parque de Palhavã



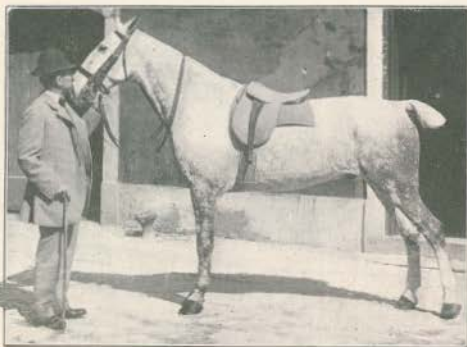
Lisboa a Paris em *mail-coach* (1895)—Chegada do sr. conde de Fontalva ao Bois de Boulogne

o sr. ministro da guerra, depois de estudar bem o assumpto, fazendo-se elucidar pelas estações com-

— O *pur-sang* é a calda com que se melhoram as diferentes raças: é o arabe europeizado.

petentes e militares da especialidade, não insistirá na sua prohibição. Tencionamos promover na primavera do anno que vem um concurso internacional, convidando officialmente os diferentes governos a fazer-se representar. Este concurso da ria aos poderes publicos a nota de quanto ha ainda a fazer em beneficio da nossa cavallaria. Este outono talvez convidemos os officiaes hespanhoes e argentinios a toma-

— O arabe estima mais a sua egua que a sua mulher e os seus filhos.



«Good Hopes»—(Irish Hunter)

Nunca o sr. conde de Fontalva deixou de se occupar de hippismo, em campo, em cavallos de alta escola, em cavallos de carruagem, em cavallos de toureiro. Ficou lendaria, até, a celebre corrida que, por sua iniciativa, foi offerecida a Affonso XII, e na qual só tiveram entrada



«Béjazet»

as 'pessoas convidadas. Por varias vezes tem 'oferecido touradas a sua magestade a Rainha. Teve coudelaria na Castanheira do Ribatejo, proximo de Villa Franca. Já fez correr em Hespanha e França (Paris), ganhando sempre os

abandonou a carreira diplomatica onde a sua figura tomou sempre um grande relevo de distincção e de fidalguia, fez em *mail-coach* e em *break* duas viagens que ficaram famosas e de que toda a imprensa europeia se occupou largamente. A primeira foi em 1895, fazendo o conde de Fontalva 73 *etapes*, 2:660 kilometros em 326 horas, com as mesmas mulas; a segun-

seus cavallos. Tomou parte nas corridas organisadas em Lucerne sob a presidencia de sua alteza real o principe Jorge e foi o in-



De Carthagena a Marselha (1899)—Chegada do sr. conde de Fontalva, no seu «grande break de chasse», a Lucerna

troductor em Portugal, ultimamente, do cavallo trotador, possuindo duas eguas americanas trotadoras, o melhor e o mais fino que ha, percorrendo 1 kilometro em 1 minuto e 35 segundos, e varios trotadores francezes de meio sangue. São tambem excellentes as raças de cães que o sr. conde de Fontalva cria na sua propriedade de S. Mamede e em Palhavã.

O illustre titular, que já foi ministro de Portugal em Berne e que



Atravez do Saint-Gothard

da em 1899, 261 kilometros em 299 horas e 45 minutos.

Melhor que nós o poderíamos fazer, com todo o pittoresco impressivo de momento, falla o caderno de viagens do aristocratico viajante, cujas notas ineditas gentilmente são offerecidas aos leitores da *Illustração Portuguesa*.

«Saímos de Lisboa no dia 30 de abril, em direcção ao Porto, Vigo e Ferrol. Abandonamos a costa e passamos a Villalba, Mondoñedo e

Castropol. De novo alongamos a costa tomando por Comillos, que é uma povoação moderna, com um seminário magnífico e uma capella gothica que é pena estar ao ar. Mondoñedo já tem as suas casas cobertas de telha de Marselha:—é um signal de modernismo, porque, como nos homens, a últi-



«Red Irish Setters» (1907)

ma modificação que se faz é na cabeça. Os proprios turcos e gregos, mesmo vestidos á europeia, ainda hoje usam o *fez*.

«Em Santillana, que é a terra mais antiga de Hespanha, ha edificios construidos no seculo IV.

«Entre a Corunha e o Ferrol, existe uma povoação chamada Betanzos, que tem uma infinidade de palacios com brazões.

«Visitamos nas Asturias, junto de Oviedo, Covadonga, que tem para nós um atractivo especial por nos recordar o *Ereico*, de Alexandre Herculano. E' muito interessante pelo pittoresco.

«Em Llanez, na provincia de Santander, as festas de Santa Marina, em julho, duram tres dias e são semelhantes á grande kermesse da Hollanda. Todos os habitantes contribuem com a sua quota parte para o brillantismo das festas. Armam-se em todas as ruas e praças grandes mezas cobertas de todas as iguarias, de que cada um se serve como lhe appetite. Um singular costume d'estes tres dias de rega-bofe: pode dirigir-se a quem quer que se-ja os maiores insultos, que ninguem se defende nem responde.

«Visitamos em Bilbao a sua magnifica fabrica de armas e na provincia de Guipúzcoa o seminario de Loyola.

«Sabimos da Hespanha para Biarritz e Bayo-



«Red Irish Setters»: «Paddy» da sr.ª D. Maria Ficalho; «Carry» e «Moka» do sr. visconde do Tojal

na; e em vez de seguirmos directamente a Bordeus, vamos por Pau e Lourdes, Toulouse, Limoges, Orleães, Paris, pela estrada n.º 40. Chegamos a Paris a 31 de agosto.

«A velocidade maxima foi de 67 kilometros, entre o Ferrol e Villaiba. Média de andamento por dia, 40 kilometros.»

O episodio mais curioso d'esta viagem foi o conde de Fontalva ser tomado por um personagem real viajando incognito. Uns jornaes disseram que era o irmão do rei de Portugal; outros asseveravam que era o irmão do czar da Russia.

Em muitas povoações francezas, o illustre viajante era recebido pela philharmonica da terra, com o *maire* á frente, de discurso engatilhado; e era, ao som alegre da *Marselheza*, uma recepção official estrondosa que acabava por divertir o sr. conde de Fontalva.

A segunda viagem, em *grand break*



Em Lucerna

*de chasse*, effectuou-se partindo de Cartagena e percorrendo toda a costa oriental até aos Pyreneus, passando por Murcia, Alicante, Valencia, Tarragona, Barcelona.

Antes de Alicante, 20 kilometros para o interior, ha uma povoação chamada Elche onde se cultiva a palmeira em extensas florestas, maiores ainda que as do Meio-Dia da França. A palmeira mais alta mede 32 metros. Os habitantes são quasi arabes; o clima é verdadeiramente tropical!

Os viajantes passam a Perpignan, Narbonne, Montpellier, Nimes, onde assistem a uma corrida de touros á hespanhola nas arenas. Dias depois cantava-se a *Mireille*. De Nimes seguem por Montélimar a Valença, Lyon, d'onde cortam para a Saboya, Chambéry, Bourg-Saint-Maurice. Atravessam o pequeno S. Bernardo para Aosta; e d'aqui emprehende o conde de Fontalva a mais perigosa travessia de toda a viagem,—a do Grande S. Bernardo, onde até então só Napoleão tinha passado com a sua artilharia. O *break* é tirado a 8 mulas e auxiliado por 21 homens! Era em julho e havia ainda tres metros de neve; o lago estava gelado. Foi um rasgo de auda-



cia extraordinário, que podia custar a vida ao distinto *sportsman* e a todos os seus companheiros.

Descem depois para a Suíça pelo Saint-Gothard,

por uma estrada em que cabe apenas o carro: de um lado é a montanha, do outro as gargantas de um desfiladeiro que tem uma altura prodigiosa e pavorosa. A Berne depois; e por Interlaken a Lucerne, onde passam os mezes de agosto e setembro, saindo em outubro pelo Saint-Gothard (lagos da Italia) para Milão. D'aqui por Pavia a Genova, de Genova pela Riviera a San Remo, Nice, Cannes, Hyères, Toulon e Marselha.

O sr. conde de Fontalva tenciona percorrer para o anno proximo toda a Andaluza, no seu *mail-coach*.

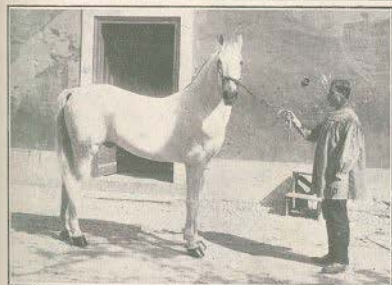
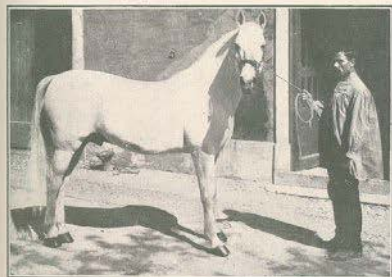


O sr. conde de Fontalva presidindo a uma tourada á antiga portugueza em Algés  
(Cliché de Antonio Novaes)

curioso episodio de ter sido prohibida uma festa hippica nas Caldas, só porque uma *brincadeira* no Porto revertera em ridiculo para a corporação dos officiaes de

«Virtuosos, Coudelaria Imperial de Lippiza (Austria)

«Béjazet» (francez de sangue)



«Siglavy»

«Saffa»

O sr. conde de Fontalva,  
diplomataO sr. conde de Fontalva,  
em traje russoO sr. conde de Fontalva de cavalleir  
tautomachico

cavallaria. Pois á frente das corridas das Caldas estavam os melhores nomes, os de mais segura garantia para o exito da festa.

outros da sua condição empregam em *flortures* de sociedade. Podendo ser, pela sua alta posição, pela sua fortuna e pelo seu talento, um diplomata, um

Apesar d'isso, não se permittiu que tomassem parte no torneio.

— E' por esse motivo, diz-nos o sr. conde de Fontalva, que nós fazemos triste figura quando nos convidam para corridas no

As eguas trotadoras do sr. conde de Fontalva,  
trotando

extrangeiro. Em San Sebastian, os seis officiaes de cavallaria que ali foram oficialmente apresentar-se ao lado dos seus camaradas hespanhoes sofreram um vexame em que não incorreriam se tivessem habituados a este genero de sport.

O sr. conde de Fontalva é, em Portugal, o mais entusiasta de todos os amadores de sport hippico e por elle tem sacrificado tudo, todas as suas horas, toda a sua vasta intelligencia, todo o tempo que os



As eguas trotadoras do sr. conde de Fontalva

homem do mundo frivolo e elegante, um frequentador de salões onde se discutem ninharias para entreter estes ligeiros minutos de uma vida que tem a duração das rosas de Malherbe, o conde de Fontalva, sem renegar as suas altas qualidades de espirito, — porque isso está dentro do seu proprio temperamento requintado de aristocrata, — é sobretudo o apostolo *enrage* d'esta nova cruzada, a alma do hippismo em Portugal.



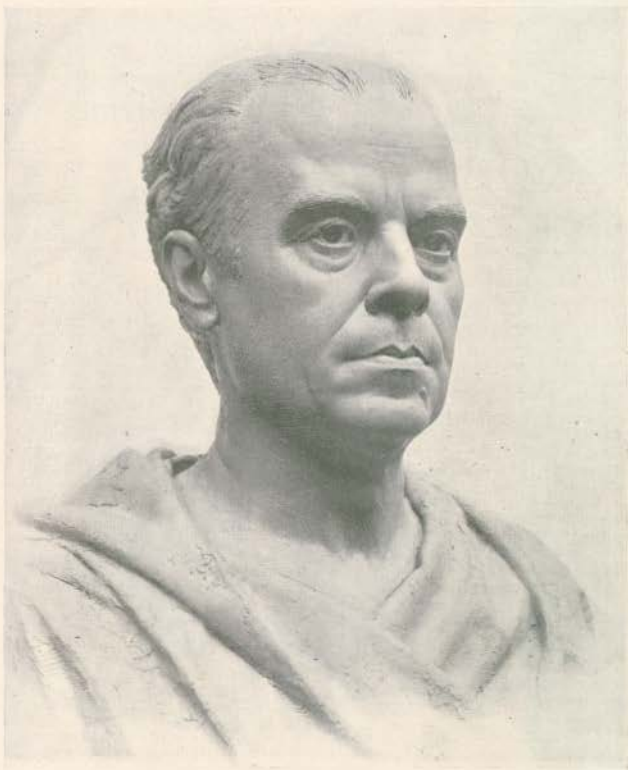
Galgos russos: «Barsoi», «Kalouga» e «Frida»

(Clichés de Benoliet)

O BUSTO DE ANTONIO CANDIDO, MODELADO PELO ESCULPTOR THOMAZ COSTA.— O illustre escultor Thomaz Costa, que viveu em Paris largos annos, tendo adquirido pelo seu talento e pelo seu trabalho um nome glorioso, modelou o busto do grande orador Antonio Candido, que va e ser fundido em bronze na capital franceza.

E' uma verdadeira e authentica maravilha de estatuaria. A expressão physionomica de Antonio Candido é toda illuminada de fulgor, descendendo-lhe da testa ampla e serena até aos olhos que teem uma intensidade e uma vida interior extraordinaria.

Thomaz Costa reconstituiu n'esta mascara a alma e o genio alado do illustre orador.



MISSÃO GEODESICA ÀS FRONTEIRAS DA AFRICA ORIENTAL



Capitão-tenente Gago Coutinho



1.º tenente Filipe Dias de Carvalho



1.º tenente Vieira da Rocha





# CONDE DA PRAIA DA VICTORIA

## O SEU CENTENARIO

lhos illustres seus: o de Bento das glorias da historia da geographia, na ilha de S. Miguel; o do illustre estadista duque d'Avila, na ilha do Fayal; e agora o do primeiro conde da Praia da Victoria, na ilha Terceira. Nas paginas da *Illustração Portuguesa* encontra-se já registado graphico das duas primeiras festas; restava-nos, e fazemo-lo hoje, o da ultima, que se celebrou em Angra no dia 25 do mez passado.

A historia da guerra civil é recente; mas, não só é pouco lida, como tambem, pôde dizer-se, está ainda muito incompletamente escripta, e até só em bem escassos livros d'estes ultimos annos se encontra purificada das maculas da paixão. Todos cohecem o papel brilhante da Terceira n'essa historia e sabem que a causa da liberdade se teria inevitavelmente perdido mais uma vez, se não fosse a resistencia tenaz e heroica d'essa pequena ilha perdida no meio do Atlantico, unico ponto de Portugal onde os soldados constitucionaes encontraram um refugio nas horas mais cruéis e desesperadas do começo incerto da lucta. Esse, e o cerco do Porto, são os dois mais bellos e epicos episodios d'essa questão dolorosa e d'esse debate prolongado.

O nome do conde da Praia da Victoria, apesar da sua intervenção preponderante nos acontecimentos da Terceira, é, por isso, talvez, menos conhecido do que me-  
rece.

O s Açores celebraram este anno nada menos de tres centenarios de fidei Goës, uma das mais al-

Era um morgado ilhéu, descendente dos antigos donatarios açorianos. Mas era um moço, então de pouco mais de vinte annos, de alma generosa e ardente, imbuída dos mais amplos ideaes de liberdade, pelos quaes se sentia disposto a todo, os sacrificios e abnegações. Foi elle

quem principalmente preparou o pronunciamento de 22 de junho de 1828 em Angra, e o exito que corou tão audaciosa tentativa é que decidiu de todo o futuro da causa constitucional. Essa causa estaria evidentemente perdida de uma maneira irremediavel, se o regimento de caçadores tivesse saído da ilha, e a Terceira não poderia, de outra forma, tornar-se o baluarte invencivel, que a esquadra miguelista atacou em vão, e que serviu para se formar o exercito que mais tarde veiu desembarcar na praia do Mindello.

Depois, o morgado Theotonio de Ornellas consagrou-se inteiramente ao serviço da causa de D. Maria. Foi ministro da guerra do governo provisorio de 1828, e bateu-se em pessoa, como um soldado valoroso, na villa da Praia, e com a divisão que, sob o commando de Villa Flor, foi mandada ás ilhas occidentaes do archipelago, que se mantinham fieis ao governo absoluto. Foi o presidente da deputação da

regencia que foi a França cumpri-  
mentar a rainha e pedir a D. Pedro que viesse tomar o commando das tropas da Terceira. A elle se deve, n'uma grande parte, o resultado lisongeiro do empréstimo liberal feito nos Açores.

Não pode ser, contudo, intento nosso recordar aqui todas asphases da historia d'esse periodo tão agitado, nem ainda escrever a bio-



Theotonio de Ornellas Bruges Avila Paim da Camara Homem da Costa Noronha e Ponce de Leão, primeiro visconde de Bruges e primeiro conde da Praia da Victoria, nascido em 25 de abril de 1807 e fallecido em 25 de outubro de 1870



O cortejo civico em Angra do Heroismo



Antigo edifício da Camara Municipal de Angra, onde esteve hospedado D. Pedro IV

graphia do primeiro conde da Praia da Victoria, cujos traços mais salientes deixamos, em todo o caso, já accentuados, para dar uma idéa succinta de quem foi o homem lustre de quem a ilha Terceira, sua patria, acaba de celebrar o centenario do nascimento.

Da vida do distincto fidalgo terceirense o que ha principalmente a reter é a bella lição moral que ella offerece,

de resto; e era esse o exemplo que Lafayette naturalmente admirava quando o quiz vêr, na occasião da sua viagem em França. Não eram então, na época singular em que os factos decorrem, raros taes exemplos, e não o podiam ser tambem nos Açores, cuja persistente opposição ao dominio hespanhol e heroica fidelidade ao prior do Crato constituem quasi uma legenda. Nem a dedicação dos ho-



A missa campal, celebrada pelo Deão da Sé de Angra em frente do palacio de Santa Luzia, antigo solar dos condes da Praia da Victoria

mens d'esse tempo por uma idéa desinteressada, e a abnegação com que se lhe sacrificavam, eram, do mesmo modo, tão excepcionaes como nos nossos dias scepticos e indifferentes. Contudo, os que, como

Theotonio de Ornellas, puzeram mocidade, situação social, fortuna e a propria vida ao serviço de um ideal de liberdade, que os apaixonava, deram certamente prova de indiscutivel grandeza moral.

Estabelecido o regimen constitucional, o conde da Praia da Victoria foi deputado, par do reino, e exerceu varias funções publicas. Conservou-se sempre um liberal convicto e sincero, adherindo em 1836 á revolução de setembro e em 1847 ao movimento chama-

do da patuleia. A sua vida inteira obedece a uma norma igual e inalteravel, a uma mesma nobre e levantada aspiração da justiça social. Vieram ferir-o desillusões? Recalçou-as generosamente no fundo do seu coração, calou os arrependimentos que em alguma hora o assaltaram, para conservar clara e pura a luminosa pagina d'essa vida,

que timbrou em fazer, toda ella, um modelo de civismo. O centenario terçoirense foi, pois, evidentemente, uma homenagem merecida e justa á memoria gloriosa do insigne caudillo constitucional e benemerito patriota. E foi tambem uma festa magnifica, que teve um grande relevo de entusiasmo e de sinceridade, n'um formoso dia de sol luminoso, como os dias radiosos da primavera dos Açores.

A missa campal, celebrada na frente do palacio de Santa Luzia, antiga moradia da nobre familia dos condes da Praia da Victoria e onde o primeiro conde offerceu um sumptuoso baile ao imperador D. Pedro, realisoou-se com verdadeira solemnidade, sendo imensa a multidão que a ella assistiu. Os aspectos, que reproduzimos, do cortejo cívico mostram a imponência e a extensão do desfile pelas principaes ruas da gloriosa cidade de Angra do Heroismo.

Foi, pois, uma festa por todos os motivos memoravel para os açorianos.



Vital de Bettencourt Vasconcellos e Lemos, presidente da comissão promotora das festas



Alfredo Luiz Campos, secretario da comissão promotora das festas

do da patuleia. A sua vida inteira obedece a uma norma igual e inalteravel, a uma mesma nobre e levantada aspiração da justiça social. Vieram ferir-o desillusões? Recalçou-as generosamente no fundo do seu coração, calou os arrependimentos que em alguma hora o assaltaram, para conservar clara e pura a luminosa pagina d'essa vida,



O cortejo cívico passando na rua da Sé



# ESPECTACULOS BARBAROS DE UMA CIVILISAÇÃO NA DECADENCIA

Entre os espectáculos tragicos e barbaros cuja recordação a historia conservou não os ha mais horribeis que os supplicios impostos aos primeiros christãos, e que, durante seculos, fizeram a alegria e o deleite de um publico em que a elite de uma sociedade dessorada e decadente acotovellava a mais ignobil população. Mas n'esta hora adeantada da civilisação, em que já não ha martyres, o homem luta com o touro, como em Hespanha; e, entre nós, no momento em que escrevemos, Lisboa inteira corre com anctidade e curiosidade aos espectáculos de luta do homem com o homem, que tem alguma coisa de bello como fórma plastica.

QUE os homens no estado selvagem se regosijem vendo correr sangue; que as nações guerreiras gostem de espectáculos em que vêem a imagem da guerra, é natural e é logico. Mas que um povo educado por longos seculos de civilisação, no apogéo da prosperidade, gosando um período de paz, tenha disputado o seu maior prazer em contemplar agonias cruéis; que tenha, para satisfazer a sua curiosidade, desejado vêr creaturas despedaçadas pelas garras das feras, é tão incomprehensível como revoltante. Tal é, no emtanto, o espectáculo que nos offerecem os supplicios dos chistãos entregues aos animaes ferozes nos ultimos seculos da Roma pagã.

## O MUSEU DOS SUPPLICIOS ATÉ AO FIM DO SOFFRIMENTO HUMANO

Para comprehender o deleite que sempre provocaram esses espectáculos barbaros é

dennnados que apenas eram submettidos á flagellação! Verdade é que elles tinham á sua disposição uma colleção inteira, artisticamente graduada, de flagicios, desde o chicote de couro, sangrento e



O martyrio de Santa Blandina

cortante, até á corda de nós enreameada de pontas de aço que rasgavam as carnes. Mas o que era esse tormento comparado com os outros? Ora se mettiam os pés das victimas em barras de ferro cheias de buracos que se ajustavam ou se alargavam, consoante se queria esmagar as pernas ou desvial-as uma da outra violentamente; ora se deitavam os suppliciaados sobre um cavallete para lhes distender os membros e quebrar os ossos, ora os assentavam n'uma cadeira de ferro munida de um systema de cordas e de pezos que desagregavam as articulações uma a uma. Para estes, usavam-se unhas e pentes de ferro proprios para despegar os farrapos de pelle e pôr a carne viva a descoberto; para aquellas, archotes



Os martyres nas taticumbas

preciso dar o desconto á rigidez dos costumes que em todos os tempos caracterizou os romanos. A sua legislação criminal era implacavel. Felizes dos con-

inflammados ou laminas de metal em braza cujo contacto avivava as chagas abertas ou abria feridas espantosas.

Depois vinha a execução capital com os seus methodos sabiamente barbaros. Os condemnados por crimes de lesa-magestade e os conspiradores eram precipitados do alto de algum rochedo; em Roma, da rocha Tarpeia. Os parricidas eram cosidos n'um sacco e atirados á agua; os feitiçeiros morriam pelo fogo; enterravam-se até aos joelhos n'uma cova; com as mãos atadas atrás das costas e ligados a um poste; depois, ateavam em volta d'elles uma fogueira, quando os não matavam com azeite fervido ou pez derretido. Os agitadores de multidões ou os escravos revoltados contra os patrões eram crucificados.

Pregado pelos pulsos ao braço da cruz, pelos pés ao madeiro perpendicular, o corpo cheio de golpes por uma multidão insultante, o desgraçado esperava assim durante longas horas uma morte que a fome e a sede tornavam ainda mais horrivel. O juiz podia applicar a seu bel prazer os castigos que entendesse, dozeal-os, por assim dizer, fazer preceder de torturas a execução capital ou cortar por intermedios dolorosos os diferentes actos da tragedia da morte.

Inherente a estas selvagerias havia os jogos do circo que desenvolviam na multidão o instinto da crueldade e o gosto sanguinario. Pessoas que se habituavam desde a infancia a presenciar sem tremer os jogos do amphitheatro, a saborear as delicias de uma caçada ás feras ou de uma hecatombe de gladiadores, deviam contar no numero dos seus melhores dias aquelles em que lhes era dado vêr os condemnados morrer despedaçados pelos dentes dos animaes selvagens. Mas não se dispunha todos os dias de parricidas ou de prisioneiros de guerra, caça habitual da arena. Assim,

desde que os christãos recusaram submeter-se ás praticas do paganismo e puderam ser tratados como os criminosos do Estado, que pechincha! Havia christãos aos cardumes: — podia, enfim, satisfazer-se abundantemente o regosio popular!

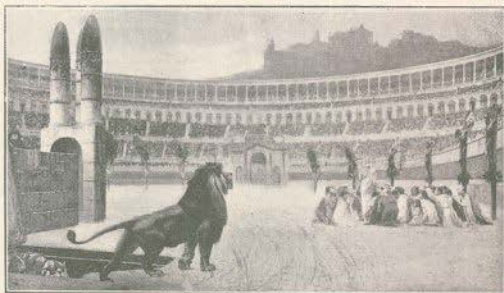
Era um triste divertimento. Os gladiadores de profissão, ao menos, davam o espectáculo de uma luta verdadeira; atacavam-se e defendiam-se. Os christãos, mesmo travestidos de gladiadores, armados de gladios ou de lanças, não podiam esperar senão uma morte certa; eram precisos homens para os conduzir ao combate, para os obrigar a cruzar o ferro. Mais tarde, levavam-os para a arena sem armas e quasi nus; faziam-os subir a um estrado baixo, prendiam-os a um poste e, n'esta posição, abandonavam-os ao ataque de um animal selvagem. Excitada pelos gritos da multidão, pelos farrapos de panno que os picadores agitavam em volta d'ella e pelas setas que lhe disparavam de longe, a fera, furiosa, arremessava-se sobre o unico ser que lhe parecia mais acessivel e despedaçava-a com os dentes. Mas raras vezes a victima morria dos primeiros ataques, como succedeu a Santo Ignacio, que dois leões comeram n'um abrir e fechar d'olhos «sem deixar nada do seu corpo senão os ossos mais duros e mais grossos».

Preferia-se prolongar o espectáculo desviando provisoriamente para outro objecto a raiva do animal, chamando-lhe depois novamente a attenção para a presa, ou substituindo por outro paciente aquelle que já tinha pago a sua divida ao furor popular. O primeiro era levado, moribundo, para o quarto mortuario, que se chamava *spoliarium*, onde recebia o golpe de misericordia, quando o

trio pacien- te aquelle que já tinha pago a sua divida ao furor popular. O primeiro era levado, moribundo, para o quarto mortuario, que se chamava *spoliarium*, onde recebia o golpe de misericordia, quando o



O martyrio de Ignacio, bispo de Antiochia



Os martyres na arena

não se dispunha todos os dias de parricidas ou de prisioneiros de guerra, caça habitual da arena. Assim,

povo não pedia para o vêr outra vez na arena, já ensanguentado, quasi moribundo, com a pobre carne a cair em farrapos...



DO TIGRE DOS «MARTYRES» AO AUROQUE  
DO «QUO VADIS»

Os escriptores desenrolaram muitas vezes deante dos nossos olhos estas scenas tão terrivelmente commoventes, principalmente no seculo XIX, desde que Chateaubriand fez comprehender o genio artistico e litterario do christianismo. Desde os primeiros annos do seculo, é Chateaubriand quem, na sua epopeia dos *Martyres*, nos mostra o supplicio de Cymodocæa, a virgem christã, e do seu noivo Eudoro, entregues á ferocidade de um tigre.

O animal furioso entra, rugindo, na arena; um movimento involuntario faz estremecer

os espectadores. Cymodocæa, louca de terror, grita:

«— Salva-me!

«E lança-se nos braços de Eudoro que se volta para ella, a aperta contra o peito como se a quizesse esconder no coração. O tigre chega junto dos dois martyres, ergue-se nas patas trazeiras e, enterando as unhas nos flancos do filho de Lasthenès, despedaça-lhe os hombros com os dentes. Quando Cymodocæa, apertada ao seio do seu esposo,

abria para elle os olhos cheios de amor e de terror, vê a cabeça sangrenta do tigre junto da cabeça de Eudoro. O calor abandona os membros da virgem victoriosa; ceram-se-lhe as palpebras, — e fica suspensa dos braços adorados do noivo, como um floco de neve nos ramos de um pinheiro do Menalo ou do Lyceu.»

Os *Martyres* deviam suscitar innumerados imitadores; mas o seculo acabou, como tinha principiado, com o successo prodigioso de um livro em parte consagrado aos martyres. No *Quo Vadis*, Henrique Sienkiewicz mostra-nos a lucta de um barbaro christão, Ursus, dotado de uma força sobrehumana, contra um auroque. A fera entra na arena com uma donzella amarrada ao dorso; a plebe romana, Nero e os seus familiares, sentados no amphitheatro, esperavam com impaciencia este espectáculo horrivel.

«Subitamente, o amphitheatro emmudeceu. Passava-se na arena uma scena inaudita. A' vista da donzella ligada aos chi-

fres do touro selvagem, o lygio déra um salto como deslumbrado por um fogo rutilo, e corria obliquamente para a fera enfurecida.

«De todos os peitos rompes rompeu um grito de espanto a que se seguiu um silencio sepulchral. De um salto, o lygio tinha alcançado o touro e agarrara-o pelos chifres. Os peitos arquejavam. Desde que Roma era Roma nunca se tinha visto coisa semelhante.

«O homem conservava o animal preso pelos

chifres. Tinha os pés enterrados na areia até ao tornozelo; a espinha arredondava-se-lhe em arco; a cabeça desaparecia-lhe nos hombros; os musculos dos braços emergiam com uma saliencia tal que a epiderme parecia querer estalar. Mas conseguira dominar o touro. O auroque estava com as quatro pernas enterradas na areia e a massa sombria e pelluda do corpo contrahia-se



Ursus dominando o auroque (Do *Quo Vadis*)



como uma bola gigantesca. De repente, um mugido surdo e doloroso subiu na atmosphera. Todas as gargantas despediram um clamor e, de novo, reinou um absoluto silencio. Dir-se-hia um sonho: nos braços de ferro do barbaro, a cabeça monstruosa abaixava-se pouco a pouco. Cada vez mais estrangulado, cada vez mais rouco e mais doloroso, o mugido do auroque confundia-se com a respiração estridente do lygio. A cabeça do animal andava á roda, n'um redemoinho; e, de subito, a lingua babosa descahiu. Mais um segundo e a fera abatia-se como uma massa, o pescoço torcido, morta.»

#### UMA FESTA DE NERO—AO CLARÃO DE ARCHOTES HUMANOS

N'estas descripções pôde receiar-se que o escriptor tenha cedido á tentação de dramatizar os factos. Por isso, melhor é apre-

portas da cidade e nos tumulos que bordavam as vias do campo romano. Suspeitava-se que o imperador é que tinha ateado o incendio; circulavam rumores sinistros. Nero não hesitou em tomar um partido tão habil como cobarde: usando do seu calculo odioso, appellou, para se salvar, para a intolerancia cega da multidão, para os instinctos mais torpes da população. Mandou espalhar o boato de que os auctores do incendio eram os christãos. A credulidade publica cahiu na ignobil armadilha. Todos os christãos conhecidos foram presos; as pesquizas e as denuncias descobriram os outros. As prisões de Roma regorgitavam de victimas. O povo queria castigos: o imperador não lh'os pouparia; dar-lh'os-hia mesmo em espectáculo. Mais ainda, encarregar-se-hia pessoalmente de divertir os seus subditos, contentando assim a sua paixão pelos jogos.

N'essa epoca, os terrenos occupados hoje



Nero sahindo do circo depois de um «spectaculo»

sentar aos leitores algumas d'essas scenas na simplicidade dos seus pormenores authenticos, com a escrupulosa exactidão da historia. Apresentaremos tres especimens tomados em tres epocas diferentes, em tres cidades distantes umas das outras. Qualquer que seja o paiz e qualquer que seja o imperante, encontraremos sempre o mesmo fanatismo, os mesmos horrores, a mesma loucura do sangue.

Estamos em Roma sob a tyrannia de um monstro. Reinava Nero e Roma acabava de ser destruida por um grande incendio. Durante seis dias, a cidade ardera; mais de metade da cidade velha estava já em cinzas. De repente, o fogo reviveu; d'esta vez, declarou-se nos bairros poupados até então e principiou nos jardins do familiar mais inti-

pelo Vaticano e os seus annexos eram cobertos de jardins immensos pertencentes a Nero. Segundo a moda romana, pelas longas avenidas plantadas de arvores, bordadas de relva ou de canteiros, levantavam-se construcções de todas as especies, pavilhões e columnatas. Foi n'esses jardins que Nero offereceu ao povo um espectáculo inolvidavel.

A festa estava marcada para os primeiros dias de agosto.

De todos os pontos da cidade em ruinas e do campo, o povo tinha acorrido, esquecendo as suas misérias. De dia realisou-se uma representação. Primeiro, os condemnados desfilarão na arena entre duas alas de homens armados de chicotes. Todos os espectadores estavam de pé, com os braços levantados e os punhos cerrados para os suppositos incendiarios. Uivos e gritos de morte combatiãam-se com os mais grosseiros insultos; reclama-

mo de Nero, Tigellino. D'ahi passou ao Campo de Marte; a multidão que ali acampava teve de evacuar a toda a pressa e procurar um novo refugio ás

va-se a vingança esperada, tinha-se sede de vêr correr sangue.

Para acalmar a impaciencia popular, o imperador ordenou que trouxessem os christãos e que o espectáculo começasse. Dado o signal, as barreiras abriram-se outra vez; e entrar-m na arena formas humanas cosidas em pelles de animais, que eram empurradas á chicotada para o meio do circo. Os que não queriam caminhar eram levados ao collo. Os espectadores tinham comprehendido: uma gargalhada immensa encheu o edificio. Quando todo o rebanho ficou reunido no meio do recinto, lançou-se sobre elle uma matilha de cães bretões ou escocезes celebres pela sua ferocidade e que um je-

dos, ardiam grandes tocheiros d'onde partiam gemidos lugubres: eram ainda christãos! Visto que tinham incendiado Roma, dizia-se, era justo e logico que perecessem pelas chammas.

Tinham-lhes vestido tunicas de papiros untadas de pez e de resina; e, presos a postes, com uma lança espetada na garganta para lhes conservar a cabeça direita, lançaram-lhes o fogo. O povo circulava maravilhado no meio d'estas illuminações de novo genero. Mas a sua alegria não conheceu limites quando entrou no circo. Longas filas de christãos untados de pez e abraçados em fogo desenhavam o recinto e o contorno do edificio; e, ao clarão dos marty-



As corridas de touros em Hespanha — Uma «vara rija»

jum prolongado tornava ainda mais terri-  
veis.

Principiou então uma caçada sem treguas. Enganados pela apparencia, os molossos cahiram sobre o rebanho humano que nem podia fugir nem defender-se; enterravam os dentes e as unhas nas carnes; ouvia-se os ossos estalar; os animais estavam mergulhados em sangue. Os cães satisfizeram o appetite diante da multidão entusiasmada.

Desembaraçada a arena e levados os cadaveres, foram introduzidos outros christãos. Tinham sido levantadas cruzes em diversas partes do circo; prenderam-nos; e, de novo, animais ferozes entraram e recommçaram a horrivel carnificina. D'esta vez, nenhum disfarce temperava o horror do espectáculo!

Terminada a primeira parte do regosijo publico, os espectadores regressaram a Roma.

Quando voltaram, algumas horas mais tarde, para a festa da noite, encontraram os jardins illumina-

dos, o proprio imperador, vestido de cocheiro, disputava o premio da corrida. Tudo lhe era perdoado: — o assassinio de sua mãe, de seu irmão, dos seus parentes, dos seus amigos, as suas orgias, os seus vicios; confundido com a multidão, recolhia louvores e manifestações de sympathia e admiração.

A representação prolongou-se até muito tarde; os convidados do César sahiram dos jardins ao romper da madrugada, quando, na noite que desaparecia, se extinguiram os archotes humanos e os seus destroços fumegantes juncavam o solo e se espalhavam em cinzas!

Tal era, no tempos mais recuados da historia, o divertimento favorito do povo. E chamou-se a este período a extrema civilização! Hoje contentamo-nos, nas arenas hespanholas, em vêr morrer o touro; em San Sebastian a presenciar o espectáculo da lucha entre o leão, o touro e o tigre; e em Lisboa a vêr abraçar-se, n'um esforço herculeo, os campeões do mundo.



# FERNANDO DE OLIVEIRA

Faz, agora, tres annos que elle morreu, n'essa tarde radiosa de 12 de maio de 1904, que não esquece mais. Uma investida do touro; o cavallo que se desequilibra, e cae, e o arresta; um torvelinho de desespero; a angustia de alguns segundos em que milhares de corações deixaram de pulsar e em que milhares de boccas elevaram a Deus misericordioso a mesma supplica de piedade... Tudo em menos tempo do que levaria o descrever da tragedia, se tal fosse o nosso intuito, hoje que, tres annos decorridos sobre ella, a dôr não se extinguiu ainda e a saudade floresce mais vigorosa e intensa do que nunca pela seiva de lagrimas em que se cimentou e cresceu. Dôr, dos que o amaram como um bom que foi: saudade, até d'aquelles que só tiveram ensejo de o admirar sem mesmo terem occasião de lhe querer! Saudade, sim... Que n'esse translucido e sereno fim do dia, com o pobre Fernando inerte sobre a cama do hospital, o craneo fendido, o rosto de cera, as mãos cruzadas sobre o peito, como que em prece derradeira, alguma cousa desaparecia além d'aquella vida arrancada n'um lance desastroso do torneio. E esse «alguma cousa» era a arte de tourear a cavallo, de que elle fizera um culto n'esta linda terra de tradições, sua patria muito amada, berço de esforçados cavalleiros, que se desvaneceram de um passado de aventuras e da soberana destreza de uma raça dominadora e altiva.

A arte de tourear a cavallo, não diremos que morreu com Fernando de Oliveira, mas... adormeceu com elle n'esse doloroso entardecer de primavera em que a sua grande alma nos fugiu. Quem lhe succede? Quem o substitue? Quem se lhe avanta? Quem o iguala? Quem se lhe approxima, sequer? Ah! sim... um nome acode a todos os labios: o de um dos maiores dos seus amigos; o de um dos mais fervorosos dos seus admiradores: — Victorino Froes. Evidentemente, se Victorino Froes pudesse ou quizesse entrar na actividade profissional, em vez de se exhibir, apenas, de longe em longe, como um meteoro... Mas não pôde nem quer. E porque não pôde nem quer mais se nos avigora no espirito



como  
tava,



Fernando de Oliveira montando o seu cavallo «Bombita»  
(Ultima photographia tirada em março do anno em que falleceu)

a impressão de que o pobre morto, ao abalar para a eterna viagem, abria um parenthesis de estagnação, para não dizer de aniquilamento, não raro mais interessante, mais luzido e mais nobre da lide das nossas praças.

Fernando de Oliveira; acria, na verdade, ter subordinado a uma precisão mathematica de academia todos os episodios da lucta que tem no caso, como, apesar de tudo, não pôde deixar de ter, um dos seus factores decisivos. Não havia rezes máis para esse admiravel artista que attingiu a perfeição suprema do toureiro a cavallo e cuja lide parecia invocar, pelo arrojado desmoldo, pela elegancia irreprehensivel e pela communicativa frescura, qualquer cousa da grandezza dos combates de outras eras, de que nos falam os livros poeirentos e a viva tradição da nossa terra. Se o sangue era puro e nobres as intenções, não havia cavalleiro que melhor aproveitasse o animal em sortes que os grandes mestres de outrora se honrariam de ter executado; se, pelo contrario, o touro não tinha condições, era de vêr Fernando de Oliveira, ainda assim, o aproveitando, procurando-o por todas as maneiras, obrigando-o a investir, preparando e rematando lances que se impunham pelo que representavam, a um tempo, de valor profissional e de probidade artistica. Depois da morte de Alfredo Tinoco e da retirada de Manuel Mourisca, elle só encarnava a antitocracia do toureiro portuguez pelo processo modelar e pela gallardia fidalga do seu trabalho.

Tres annos decorridos sobre o drama do Campo Pequeno o seu logar está por preencher e a nossa saudade por extinguir. E para ambos os phenomenos o leitor encontrará justificação se quizer recordar-se do que foi o artista maximo, fulminado n'esta tarde cariciosa de maio em que os raios de luz de um dia de primavera creadora derriam a bejar a fronte sereníssima do agonisante...

J. DE MELLO BARRETO



# UMA FESTA NO RIBATEJO

A PARADA AGRICOLA EM  
VILLA FRANCA DE  
XIRA



Grupo de ceifeiras das propriedades do sr. Mendonça—A camara municipal de Villa Franca de Xira.  
 missão das festas—O carro que representava uma herdade rustica—Operarios da fabrica de tecidos de Alhandra—Um carro  
 de lavoura—Campinos—As ceifeiras com os tocadores de harmonium á frente



Grupo de campinos—A philharmonia da Arruda—Carro do sr. Mendonça, representando uma herdade rustica  
 —A corporação dos bombeiros voluntarios de Villa Franca, sob o commando do sr. Roberto Lobo — Carro agricola  
 —Carro do sr. Dias da Silva—Carro da fabrica de lanifícios de Alhandra



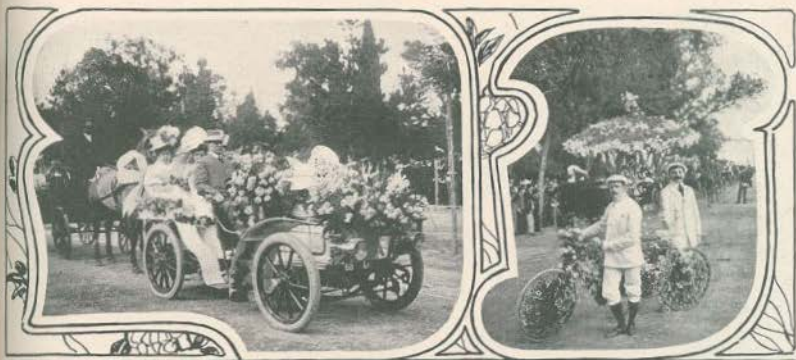
Carro da Industria—Uma varanda ricamente ornamentada com colchas—Carro de um lavrador em 1906—Carro da Companhia das Lezírias—Carro da Camara Municipal de Villa Franca de Xira—Um trecho do cortejo  
*(Clichés de Benoliel)*



A BATALHA DE FLORES  
 NO CAMPO GRANDE  
 PROMOVIDA PELA SOCIEDADE DE  
 PROPAGANDA DE  
 PORTUGAL

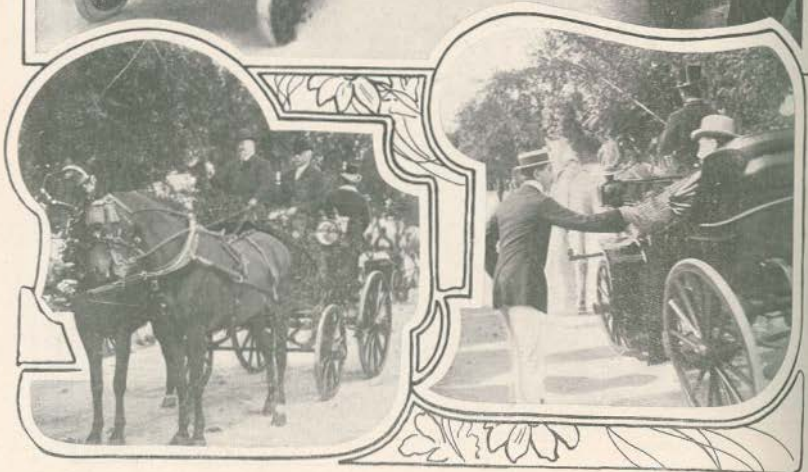


○ tuomovel do sr. Elyσιο Mendes (1.º premio dos automoveis ornamentados)—Sua Magestade a Rainha—Cup: premio recebido pelo sr. Ernst George—Bibeteira de prata: premio recebido pelo sr. Santa Clara  
 —O break do sr. conde de Silves—Relógio cadeirinha (visto de lado: premio recebido pelo sr. Elyσιο Mendes —Relógio em forma de cadeirinha (uma das faces): premio recebido pelo sr. Elyσιο Mendes  
 —Os filhos do sr. Pinto da Cunha guiando uma charrette



O automovel do sr. Elycio Mendes (1.º premio de automoveis ornamentados)—O tandem dos srs. Zenoglio e Fonseca, deitado a malmequeres em fórma de guarda-sol—A carruagem do sr. Ernst George (1.º premio para carruagens ornamentadas) A seguir o automovel de mademoiselle Ernst George—Promptos para o ataque—A carruagem co sr. Eduardo Santa Clara (1.º premio para carruagens de luxo)—Acabaram-se os projecteis!





Suas altezas o Príncipe Real e o sr. infante D. Manuel -- Perspectiva da avenida do Campo Grande no dia da batalha das flores  
-- Sua Magestade El-Rei, (Cliché de A. Novaes) -- O sr. João Gregaro, vice-presidente da comissão das festas, oferecendo cabazes de flores.





sr. Luiz Horta e Costa e sua esposa a sr.<sup>a</sup> D. Rita Horta e Costa—Bicicleta em fôrma de tartaruga do sr. Augusto  
 Teixeira—Automovel do sr. Henrique Taveira—Carruagem da familia Moraes Sarmiento—Bicycletas dos srs. José e Caetano  
 Teixeira de Aragão—O sr. Manuel Pereira e sua esposa—O *bracké* do sr. Levy—Esperando o inimigo  
 — Preparando o tiroteio—Automovel do sr. Jorge Burnay

(Clichés de Benoît)



Capitão Paiva Couceiro, novo governador geral interino de Angola



O governador geral de Angola, tenente-coronel Eduardo Costa, fallecido em Loanda a 1 de maio



Major Verissimo Sarmento, governador da Lunda, fallecido em 4 de maio

O GOVERNO GERAL DE ANGOLA. — Foi uma verdadeira perda para a nossa provincia de Angola a morte do tenente-coronel Eduardo Costa, que era um dos officiaes mais illustres do exercito portuguez, gosando de um grande prestigio e da sympathia de todos os seus camaradas. A sua lista de serviços em Africa é das mais brillhantes e honrosas e ficará constituindo o seu melhor brazão e a herança mais fulgurante legada aos seus filhos.

O novo governador nomeado pelo governo é o sr. capitão Paiva Couceiro, que se distinguio na campanha de Moçambique e, principalmente, na de 1894-1895 contra o Gungunhana. É um official muito distincto e valente tendo sido deputado na ultima legislatura.



Capitão Alves Roçadas, commandante da columna de operações contra os cuamatatas

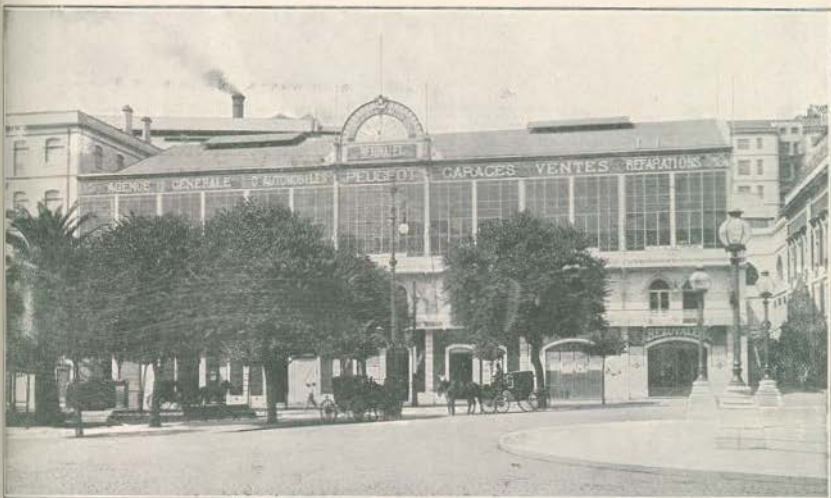
MAJOR VERISSIMO SARMENTO. — O brioso official que a morte acaba de arrebatat governava o districto da Lunda ha muitos annos, tendo prestado ali relevantes serviços, como o estabelecimento de postos militares. Por varias vezes suffocou rebelliões indigenas. Mas a sua administração civil foi tambem altamente proveitosa, tendo contribuido para o desenvolvimento commercial do districto.

A EXPEDIÇÃO CONTRA OS CUAMATAS. — Vac a esta hora caminho de Mossamedes o sr. capitão Alves Roçadas, governador da Huilla, que foi escolhido para commandante em chefe da columna de operações contra os cuamatatas. Foi o illustre official que levantou além-Cunene, em territorio inimigo, um posto, a que foi dado o seu nome glorioso.



Dois aspectos do Forte-Roçadas, além-Cunene, levantado em territorio inimigo

# A mais importante casa de automoveis em Portugal



**ALBERT BEAUVALET & C.** Representante de **PEUGEOT** A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS.  
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

## Livro de ouro da mulher

# A mulher medica de sua casa

Livro de hygiene e medicina familiar, indispensavel em todas as casas  
Premiado na exposiçào de Leipzig de 1904

Pela Doutora **ANNA FISCHER DUCKELMANN**

Traduzido e adequado pelo Dr. **ARDISSON FERREIRA**  
Medico da Santa Casa da Misericordiã de Lisboa

OBRA PUBLICADA COM GRANDE SUCESSO NA ALLEMANHA, FRANÇA, HOLLANDA,  
ITALIA, RUSSIA E HESPAÑHA

CENTENARES DE GRAVURAS = LINDISSIMOS CHROMOS

Fasciculos de 16 paginas **60 réis**, Tomo de 80 paginas **300 réi**

Pedidos  
à antiga

**CASA BERTRAND**

73. R. Garrett, 75  
LISBOA

Centenares de gravuras

Chromos lindissimos



# Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

Séde social: RIO DE JANEIRO  
FILIAL EM PORTUGAL

Largo do Camões, 11, 1.º - Lisboa

## A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL

Já é vantajosamente conhecida em Portugal, onde tem tido o melhor acolhimento. Sendo puramente mutua, todos os seus lucros pertencem exclusivamente aos segurados. A Directoria local resolve sobre todos os assumptos, inclusive a aprovação de propostas e pagamento de sinistros 24 horas após a apresentação das provas de morte.

### DIRECTORIA DA FILIAL

PRESIDENTE: Conselheiro Julio Marques de Vilhena, *governador do Banco de Portugal, Par do Reino, Ministro de Estado honorario.*

VICE-PRESIDENTE: Conselheiro Dr. M. A. Moreira Junior, *ministro de Estado honorario e lente da Escola Medica.*

DIRECTOR CONSULTOR: Conselheiro Dr. Luiz Gonzaga dos Reis Torral, *advogado.*

DIRECTOR MEDICO: Dr. Henrique Jardim de Vilhena.

GÉRENTE: M. A. de Pinho e Silva.

Seguros de vida com sortelo semestral em dinheiro, unicamente adoptado pela **Equitativa**. Dotações de creanças de 1 aos 15 annos

*Nos sorteios de abril e outubro de 1905, abril de 1906 e abril de 1907 foram contempladas as seguintes apolices, recebendo os segurados as respectivas importancias e continuando as mesmas em pleno vigor, a saber:*

### COM 1.000.000 REIS

20180, D. Amelia Marques da Costa Barros, Porto — 20070, Dr. João Maria da Costa, Alpiarça — 20291, Lino Joaquim de Almeida Aguiar, Lisboa — 20899, José João Telhada, Santarem — 20318, D. Maria da Silva Catharino, Alpiarça — 20330, Dr. Antonio Cesar Almeida Reina, Figueira da Foz — 20755, José Fernandes Rodrigues, Lisboa — 20851, Abilio de Mattos, Ponte de Lima — 20613, M. Joaquim Casimiro Ivo de Carvalho, Lisboa — 21539, José Antonio Rodrigue., Bombarral — 22050, João Garcia Augusto, Estremoz — 20508, José Francisco Enxuto Junior, Caldas da Rainha — 21056 — (provisorio) Adelinno dos Santos Cera e esposa, Cantanhede — 22173, Joaquim Paulo Marques, Alcaçovas — 21508, Manoel Lopes Varella, Aviz.

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premios-prospectos e outras informações que forem dirigidos á

FILIAL DA

**EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL**

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º — LISBOA